

“A preto e branco” – A Geografia na Educação Pré-escolar¹

“In black and white” – Geography in kindergarten context

Miguel Castro

Resumo

A Geografia tenta explicar as relações entre o Homem e o planeta. Olhada deste ponto de vista, poderá parecer difícil introduzir conceitos geográficos no pré-escolar. Demasiado complexo, “abstracto”, para crianças entre os 3 e os 5/6 anos. A diversidade de espaços e a dificuldade de acesso e interiorização dos mesmos leva a que a Geografia seja, para uma criança desta faixa etária, distante, imaterial e imperceptível.

Para que se possa atrair crianças para a Geografia será aconselhável abordá-las dentro do seu próprio universo. Como demonstra Kieran Egan, às crianças atraindo mais o exótico, o estranho, o diferente; a partir de narrativas e histórias, a criança consegue manipular conceitos abstractos, desde que apresentados em oposições binárias bem vincadas.

Transpondo este raciocínio para a Geografia, podemos apresentar, de forma significativa, diferentes conceitos, como: floresta/deserto, montanha/planície.

Palavras-chave: Pré-escolar; Geografia; Narrativas; Oposições Binárias

Abstract

Geography tries to explain the relationship between Man and the planet. From this point of view, it may seem difficult to introduce geographical concepts in pre-school, since they are too complex and "abstract" for children between 3 and 5/6 years. The diversity of spaces and the difficulty of access and interiorization of the concepts makes geography, for these young children, distant, intangible and imperceptible.

In order to attract children to geography it is advisable to approach them within their own universe. As Kieran Egan shows, children are attracted by the most exotic, strange and different things; with narratives and stories, children are able to manipulate abstract concepts, as long as well defined binary oppositions are presented.

Applying this reasoning to geography, we can significantly introduce different concepts such as: forest / desert, mountain / plains.

Keywords: Preschool; Geography; Narratives; Binary Oppositions

O principal objectivo deste texto é dar resposta a uma dúvida que me tem sido reiteradamente apresentada por vários profissionais e futuros profissionais do pré-escolar: É possível introduzir, de forma eficaz, conceitos geográficos neste nível etário?

...

A Geografia, ao contrário do que normalmente é associada, não se reduz a um empilhar de conhecimentos, muitas vezes avulsos, sobre localizações, nomes de países, capitais, mares, montanhas, etc...

¹ Trabalho apresentado no III Seminário de I&DT, organizado pelo C3i – Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre, realizado nos dias 6 e 7 de Dezembro de 2012.

A Geografia é a explicação das relações entre o Homem e o planeta, isto é, o estudo do espaço terrestre e dos fenómenos que nele ocorrem. Em suma, essencialmente a “Geografia adopta uma atitude explicativa, procurando identificar, com recurso ao método científico, respostas para questões socialmente relevantes.” (1)

Olhada deste ponto de vista, poderá parecer difícil introduzir conceitos geográficos no pré-escolar. Nada mais concreto do que o estudo do espaço terrestre. Porém, a sua dimensão e a complexidade dos fenómenos que nele ocorrem, tornam a Geografia demasiado complicada, ou ainda, demasiado abstracta para crianças entre os 3 e os 5 anos.

A compreensão geográfica implica a interiorização e compreensão da(s) espacialidade(s), o que leva, numa primeira análise, a que esta seja, para uma criança do pré-escolar, algo de distante, imaterial e não palpável, logo de difícil apreensão, percepção ou conhecimento.

Introduzir conceitos geográficos e naturais, numa idade em que muitos psicólogos da área do desenvolvimento insistem em que as crianças do pré-escolar só conseguem lidar com o concreto, parece ser, para os profissionais desta área, algo demasiado complexo, que não compensa o esforço devido à incapacidade natural das crianças.

Atrair a atenção das crianças para a Geografia (ou para qualquer outra área do conhecimento) terá que ser realizado através de abordagem ligada e perceptível a partir do seu próprio universo.

Como demonstra Kieran Egan (2), às crianças atrai mais o exótico, o estranho, o diferente, do que uma realidade quotidiana que tão bem conhecem e a qual é valorativamente menos interessante do que um mundo tão misterioso como o de Harry Potter, ou, na idade pré-escolar, de um qualquer desenho animado de origem japonesa, com um mundo onde tudo é possível, mágico e maravilhoso, com a vantagem de se ser sempre bem-sucedido! Independentemente das fantasias que podemos integrar no imaginário infantil ou das narrativas que apresentamos, estas necessitam de um espaço físico concreto e real onde decorre a acção, ou seja geográfico.

A diversidade de meios naturais, humanos e de formas de vida atrai mais se for exótica. O deserto, com as suas dunas imensas, escorpiões perigosíssimos, cobras de venenos potentes e lagartos alados que fazem parecer as criaturas fantásticas meras brincadeiras, são mais atraentes do que o jardim da esquina, que praticamente não tem segredos para descobrir. A apresentação de um ambiente como o deserto possui várias vantagens: permite, por um lado, introduzir conceitos como o de planície, calor, securo; e, por outro, sendo uma realidade distante, pode ser um campo fértil para a imaginação, passando a ser cenário de histórias e acontecimentos fantásticos, que por seu lado podem integrar outras Áreas das Orientações Curriculares, desde a Expressão Dramática ou Plástica até à Matemática.

A diversidade de ambientes climáticos e geomorfológicos pode ser facilmente explorada nos dias de hoje, com recurso a tecnologias - das mais sofisticadas, como os simuladores de voo, em computador, até às mais simples, como vídeos. Podemos até não recorrer a nenhuma tecnologia e socorrer-nos dos tradicionais livros e imagens que, de forma alguma, são menos actuais, eficazes ou apelativos.

É neste contexto que um recurso omnipresente em todos os jardins-de-infância se torna num passaporte para a introdução da Geografia – as histórias e/ou narrativas.

Se pensarmos de forma estrita nos estádios de desenvolvimento cognitivo, parece não haver forma de introduzir conceitos geográficos mais abstractos na educação infantil, uma vez que se pressupõe que é necessário partir do concreto para o abstracto e do particular para o geral. Se assim é, a criança não poderá, na educação pré-escolar, ir para além da realidade da escola, da casa ou, no caso dos mais velhos, de uma ténue iniciação do percurso casa/escola e de algumas realidades próximas, muito concretas. Kieran Egan propõe exactamente (ou quase) o contrário: a criança pode manipular conceitos abstractos se apresentados de acordo com o seu microcosmo, que é bastante mais vasto do que a realidade quotidiana - é fantástico (3). Não que o concreto deixe de existir, ele vai, por aproximações sucessivas, sendo construído e é fundamental na interiorização dos abstractos, para que a criança possa, mais tarde, contextualizá-lo face a situações reais.

Egan, muito ligado à área da história e consequentemente à noção de tempo, refere que a criança, desde cedo, manipula conceitos abstractos a partir de narrativas. Nas histórias existem valores que a criança compreende e manipula. O bom e o mau, o honesto e o vigarista, o bem e o mal, o medo e a segurança, a amizade e a inimizade. Todos estes conceitos são subjectivos e fortemente abstractos.

No texto “Estádios da compreensão histórica” Egan (1990) define dois: o Mítico e o Romântico. O primeiro ligado à idade pré-escolar e o segundo relativo aos primeiros anos do ensino básico.

O estádio Mítico remete-nos para as sociedades assentes em culturas orais e faz o paralelo com o mundo infantil, também ele estruturado na oralidade. A “sociedade” pré-escolar assenta essencialmente numa estrutura oral e de expressões que não a escrita. Assim, tal como nas sociedades de cultura oral, o principal meio de transmissão de conhecimentos é, fundamentalmente, construir uma cultura e uma identidade social a partir de narrativas, mais ou menos encenadas, criando mitos e heróis, utilizando oposições binárias bem vincadas.

O segundo estádio – Romântico (a partir dos sete/oito anos) – vai mais além, principalmente na construção do universo da narrativa. Este continua a ter um contexto fantástico mas sempre com uma base geográfica sólida. Neste estádio, o herói possui também uma forte associação com o Eu infantil.

Em termos de acção concreta dos profissionais da educação a nossa proposta é pois a introdução de conceitos históricos a partir de narrativas construídas, com base num universo acessível às crianças, onde as oposições fortes permitam não só processos identificativos e de construção da identidade, mas também a introdução dos mesmos conceitos.

Resolvemos então, a partir de uma narrativa, experimentar a introduzir paisagens e realidades geográficas muito variadas, com base neste jogo de opostos, bem vincados. De facto obtivemos resultados muito positivos e encorajadores. A narrativa possui um espaço físico, a partir do qual podemos apresentar às crianças o seu oposto e, inclusivamente, outros opostos. Podemos então recontar a história nesses novos

quadros, provocando curiosidade e investigação sobre outras paisagens, animais, populações, hábitos e formas de vida. A ênfase da nossa abordagem deixa de se centrar na História e nos conceitos de tempo, para se centrar no espaço onde decorre a acção, isto é, o espaço geográfico, ou de uma forma mais lata, a Geografia.

Concretamente, a actividade que realizámos em contexto de jardim-de-infância, com um grupo de crianças entre os 4 e os 5 anos, foi posta em prática por uma educadora que partiu da história, mais do que conhecida, d' " O Capuchinho Vermelho".

A acção passa-se numa floresta, com uma menina que usava uma capa vermelha; um possível oposto de floresta, e que foi apresentado, é um deserto. A partir daqui foram apresentados dois tipos de deserto – o quente e o frio - com recurso a imagens. Nestas imagens foram apresentadas, e exploradas pelas crianças, a fauna, flora, populações e habitações típicas destes espaços, de modo a lhes facultar o conhecimento de outras realidades, opostas às apresentadas na história original.

Posteriormente, em pequenos grupos, foi recontada a história vivida noutra habitat. Num deserto quente, "O Capuchinho Vermelho" provavelmente não teria uma capa igual e a flora e fauna desta nova realidade seriam seguramente diferentes. A Avozinha já não viveria numa linda casinha, mas sim num simpático Iglô, ou tenda beduína. O lobo passou a urso polar, no deserto frio, e a uma serpente, no deserto quente (embora em determinados contextos ecológicos também existam lobos, como é o caso do ártico, ou em determinadas franjas de alguns desertos).

A actividade seguinte foi a elaboração de dioramas (maquetas) com os animais, plantas e habitações. Numa folha de cartolina apareceram palmeiras, cobras, areia e tendas; noutra, "neve", iglôs e ursos polares, previamente recortados e pintados pelas crianças; numa terceira, reconstruiu-se a floresta do capuchinho original.

Finalmente, cada grupo contou a sua "nova" história aos restantes, utilizando como suporte o diorama por eles elaborado.

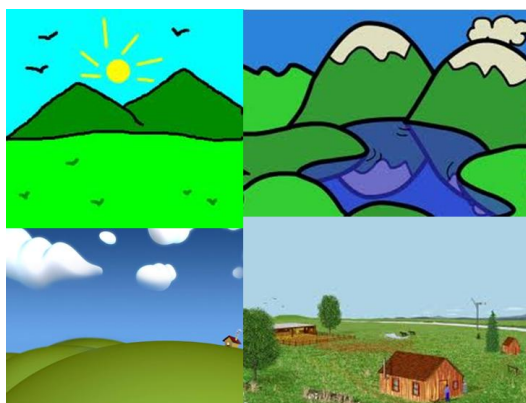


1 Exemplos de dioramas em diferentes ecossistemas - paisagens

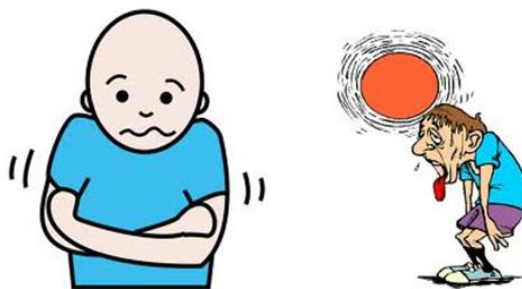
Durante esta semana as crianças ouviram e recontaram histórias (Língua Portuguesa), dramatizaram-nas (Expressão Corporal e Dramática), desenharam e pintaram (Expressão Plástica), investigaram aspectos ligados às ciências naturais e geográficas (Conhecimento do Mundo) e, fundamentalmente, adquiriram novos conhecimentos, de forma lúdica e divertida. Toda esta actividade foi conseguida a partir de uma história, do seu contexto geográfico e da exploração de opostos bem vinculados (neste caso não referentes a valores ou atitudes e comportamentos), que permitiram o conhecimento de novas realidades humanas e físicas.

Este é apenas um exemplo, a partir de uma narrativa muito popular; no entanto, qualquer narrativa é passível de se adequar à introdução no pré-escolar de conceitos geográficos baseados no sistema de opostos binários.

Montanha/planície, mar/terra, terra/ar, ilha/continente, rios/oceanos, frio/calor, paisagem humanizada/paisagem natural, campo/cidade, ... são incontáveis os contextos opostos que nos são proporcionados por uma pequena narrativa, estruturada de acordo com o universo das crianças e que vai de encontro ao seu mundo imaginário, às suas representações, ao seu desejo de fantasia.



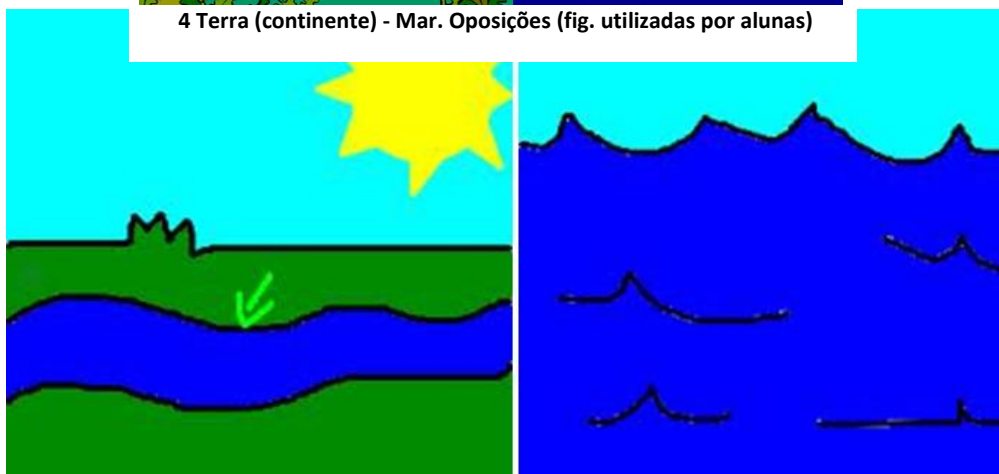
2 Montanha e Planície – oposições (fig. utilizadas por alunas)



3 Frio/Calor – Oposições (fig. utilizadas por alunas)



4 Terra (continente) - Mar. Oposições (fig. utilizadas por alunas)



5 Rio/Mar – Oposições (fig. utilizadas por alunas)

Outra experiência levada a cabo foi relativa à fábula do “Rato do campo, Rato da cidade”. Neste caso, a oposição cidade /campo deu origem não a um diorama, mas a

dois PowerPoints - um relativo à vida urbana e ao seu contexto geográfico e outro ao campo e ao contexto rural.



6 Cidade/Campo - Excerto de um Powerpoint Patrícia Reia Aluna de Prática Pedagógica

Muitas outras formas são passíveis de cumprir a função de transmitir Geografia, desde tenra idade. Porém, o esquema de opostos bem marcados, a partir de narrativas, revela-se fácil, adequado e sem necessidade de grandes recursos. Esta forma de ver o mundo “a preto e branco” não é exclusiva das crianças. Atentemos na estrutura de muitos filmes, onde o bem e o mal não oferecem tonalidades cinzentas, ou dúvidas. Aos bons, tudo é justificado e os meios parecem sempre justificar os fins. Aos maus da fita, só lhes é permitida uma conduta – a negativa. Basta adaptar esta estrutura ao mundo infantil e as crianças passam a manipular conceitos complexos e a valorar as acções, mesmo aquelas que nos parecem demasiado abstractas para o seu nível etário.

A resposta à questão levantada no início - É possível introduzir, de forma eficaz, conceitos geográficos neste nível etário? - é pois claramente afirmativa!

Termino com uma chamada de atenção: A Geografia é a realidade espacializada e como tal multicolor. Se para o pré-escolar, ela pode ser introduzida a “preto e branco”, não deveremos todavia esquecer que esta ciência é fortemente colorida e permite várias nuances...

Notas

1 MALHEIROS, Jorge (2011); “O que eu preciso saber sobre Geografia”; Visão, 1 de Setembro de 2011, Lisboa

2 EGAN, Kieran (1990); Estádios da Compreensão Histórica; ESEP, Portalegre, (Doc. Policopiado)

3 EGAN, Kieran(1992); O Desenvolvimento Educacional; D. Quixote, Lisboa

Bibliografia

BOARDMAN, David (1991); *O Desenvolvimento da Graficacia: A Percepção Cartográfica dos Jovens*; Apogeo, Revista da Associação dos Professores de Geografia, Lisboa

CARVALHO, Graça Simões; FREITAS, Maria Luísa V. (2010); *Metodologia do Estudo do Meio*; Plural Editores, Porto

CASTRO, Miguel (2003); *Reflexões sobre a introdução da Geografia na Educação de Infância*; Aprender, Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre, Nº 27; pp 127-136; Portalegre

EGAN, Kieran (1990); *Estádios da Compreensão Histórica*; (doc. Policopiado), ESEP, Portalegre

EGAN, Kieran (1992); *O Desenvolvimento Educacional*; D. Quixote, Lisboa

EGAN, Kieran (1994); *O Uso da Narrativa como Técnica de Ensino*; D. Quixote, Lisboa

MARQUES, Ramiro (1990); *Educação Cívica e Desenvolvimento Pessoal e Social – Objectivos, Conteúdos e Métodos*; Texto Editora, Lisboa

MOGARRO, Mª João (1999); *Histórias da História. Marvão no Dia Mundial da Criança*; Aprender, Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre, Nº 23, Portalegre

Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar; (1997) Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, Lisboa

ROLDÃO, Mª do Céu (1995); *O Estudo do Meio no 1º Ciclo. Fundamentos e Estratégias*; Texto Editora, Lisboa

SALGUEIRO, Teresa Barata (1990); *Sobre o Valor Educativo da Geografia*; Aprender, Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre, Nº 10, Portalegre

SPODEK, Bernard (1999); *Ensinando Crianças de Três a Oito Anos*; ArtMed, Porto Alegre

Notas sobre o autor

Miguel Castro

miguel.sardica@gmail.com

Escola Superior de Educação de Portalegre

Licenciado em Geografia e Mestre em Geografia Humana – Estudos Urbanos pela
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Doutorando em Geografia Humana, no Instituto de Geografia e Ordenamento do
Território da Universidade de Lisboa.